

POR UMA LINGUAGEM NÃO ENJAULADA: O “PUTA QUE O PARIU” COMO GRITO DE RESISTÊNCIA

Patrick da Silva Dias¹

RESUMO

Esta comunicação visa demonstrar, a partir em conceitos da Análise do Discurso e das Ciências Neurológicas, como o recorrente uso de palavrões, impropérios e expressões chulas podem constituir recursos discursivos e identitários pujantes nas produções escritas de adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. No contexto das avaliações escolares, prevalecem práticas normativas, que sobretudo operam o apagamento dessas linguísticas operadoras de subjetividade e crítica dos educandos. Aqui, utiliza-se um deslocamento do olhar sanitizante e disciplinador da linguagem para uma visão crítica e pedagógica das formas expressivas que advêm da linguagem discente.

Existe um abismo entre a linguagem vivida, e vívida, dos estudantes e a linguagem autorizada, e autoritária, imposta nos contextos escolares e de avaliação. O uso de palavrões expõe posicionamento e estratégias de resistência, físicas e simbólicas, impostas pela instituição escolar. A partir da análise de ocorrências reais, é possível evidenciar funções catárticas, afetivas e performativas nas produções dos adolescentes, além dos impactos de sua interdição na constituição da identidade.

Por fim, convida-se à reflexão crítica sobre como esses usos podem configurar um gesto político de escuta das margens, condição fundamental para uma educação comprometida com a diversidade, a linguagem em uso e a complexidade dos processos formativos.

Palavras-chave: palavrões; linguagem adolescente; educação; ensino fundamental; análise do discurso

¹ Graduado em letras pela Universidade Federal Fluminense – e-mail: pdasdias@gmail.com

